

O PATHOS E AFÉ CRISTÃ: EM BUSCA DE SENTIDO

Rafael da Silva Sá²⁴

RESUMO

Neste artigo, procura-se investigar um ponto central no pensamento cristão, o sofrimento. Na pesquisa, o tema passa pelas ideias de pecado e responsabilidade, por Deus, e pela superação resiliente na existência. O texto buscou concentrar-se na abordagem teológica da centralização redentora do Cristo.

PALAVRAS-CHAVE: Sofrimento, Sentido, Fé Cristã.

ABSTRACT

The present paper aims to investigate a central point in Christian thought: suffering. In our understanding, the theme goes through the ideas of sin and responsibility, by God, and by the resilient overcoming in existence. The text sought to focus on the theological approach to Christ's redemptive centralization.

KEYWORDS: Suffering, meaning, Christian Faith.

INTRODUÇÃO

Segundo o Dicionário Internacional de Teologia, a palavra *pathos* é definida como “sofrimento”, “paixão”²⁵. Estas palavras que expressam uma realidade presente na existência humana. A fé cristã

²⁴ Bacharel em Teologia pelo Seminário Cristão Evangélico do Norte, Formando em Filosofia pela universidade Federal do Maranhão, professor do Seminário Teológico Batista de São Luís. E-mail: sa-rafael@hotmail.com

²⁵ COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2ª. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

em última instância se preocupa com a salvação do homem, a qual nada mais é, senão o caminho que se deve trilhar para encontrar, ainda nessa vida, um refúgio seguro. A razão disto é exatamente a pergunta que se faz em torno do sofrimento. Por isso é que Epicuro diz:

Deus, ou quer impedir os males e não pode, ou pode e não quer, ou não quer nem pode, ou quer e pode. Se quer e não pode, é impotente: o que é impossível em Deus. Se pode e não quer, é invejoso: o que, do mesmo modo, é contrário a Deus. Se nem quer nem pode, é invejoso e impotente: portanto, nem sequer é Deus. Se pode e quer, o que é a única coisa compatível com Deus. Donde provém então a existência dos males? Por que razão é que não os impede?²⁶

O sofrimento é a lacuna humana que, no mínimo, gera a inquietude e pode levar o ser humano a inquirir sobre Deus. Tal realidade poderá instigar, até no ateu, uma reflexão sobre a existência de um Criador de todas as coisas, Deus.

Pode-se primeiramente pensar na causa do sofrimento e logo em seguida na sua razão de ser. A Bíblia pecado se relacionando com o sofrimento humano e também à responsabilidade humana frente à dor, à culpa e à morte.

Entende-se que Deus se envolve com o sofrimento humano. Isso se mostrou por intermédio da pessoa de Jesus, da sua encarnação em meio ao mundo de sofrimento. A revelação nos aponta para uma significação do sofrimento no mundo caído, e reconfigura a condição humana.

²⁶ EPICURO. **Antologia de textos**. São Paulo: Abril Cultural, 1985, p. 63.

Por fim, a morte, que é vista na revelação como o último inimigo do homem, aqui será vista como a pergunta final do ser humano, também será indicada como a portadora da responsabilidade de reflexão do sentido do sofrimento cristão e sua possibilidade de resistir em meio ao infortúnio.

1 Pathos, pecado e responsabilidade

O cristianismo se funda sob a doutrina do Cristo e é na dialética da cruz que a fé cristã se fundamenta. Pode-se entender que o cristianismo é uma religião fundada sobre a pedra do sofrimento, como afirma Moltmann, “descobrimos que a fé cristã nasce do sofrimento daquele que foi crucificado e do poder libertador do Cristo ressurreto.”²⁷

O problema do sofrimento é saber se ele tem motivo, ou um “por que”, e um sentido, um “para que”. Cabe à Teologia refletir sobre estes dois os propósitos. Na visão teológica encontra-se claramente o porquê do sofrimento, ele é causado por uma “intromissão alheia ao bom mundo de Deus.”²⁸

Essa intromissão acontece quando o homem, ser responsável na criação, se rebela contra Deus como no texto de Gênesis.

²⁷ MILLER, E. L.; GRENZ, S. J. *Teologias Contemporâneas*. Tradução de Antivan G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.126.

²⁸ STOTT, J. *A cruz de Cristo*. Tradução de João Batista. São Paulo: Vida, 2006, p. 287-288.

E chamou o SENHOR Deus a Adão, e disse-lhe: Onde estás? E ele disse: Ouvei a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me. E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses? Então disse Adão: A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi. E disse o SENHOR Deus à mulher: Por que fizeste isto? E disse a mulher: A serpente me enganou, e eu comi. Então o SENHOR Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isto, maldita serás mais que toda a fera, e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida. E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará. E a Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos, e cardos também, te produzirá; e comerás a erva do campo. No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás.²⁹

Retira-se desse texto três consequências do pecado a saber: a dor, a culpa e a morte. Aqui, a ideia de pecado original é imposta sobre a condição humana fazendo parte do destino reservado a toda a humanidade.

O discurso cristão acerca do ser humano como pecador somente corresponde à realidade se ele se refere irrefutavelmente a um estado de coisas que caracteriza todo o quadro em que se apresenta a vida humana e que é reconhecível como tal também sem a pressuposição da revelação de Deus, embora sua verdadeira importância possa ser revelada primeiramente por meio dela.³⁰

A existência humana, então, é permeada pela certeza da realidade do pecado mesmo que ele não ganhe esse nome ou que haja

²⁹ GÊNESIS 3.9-19 In: BIBLIA, Português. *A Bíblia Sagrada*. Almeida Corrigida Fiel. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil. 1995

³⁰ PANNENBERG, W. *Teologia Sistemática*. Tradução de Ilson Kayser. São Paulo: Academia Cristã, Paulus, v. II, 2009, p. 342

tentativas de relativizá-los. A questão é que, sendo encarado como mito ou realidade, o pecado apresenta uma estreita relação com o sofrimento humano, devidamente nos seus efeitos. O pecado é uma condição tão inquestionável que, por isto, “a doutrina do pecado original é a única doutrina da fé cristã passível de comprovação empírica”³¹.

Antes da ideia de pecado contida no texto de Epicuro, tem-se abertamente a da liberdade, que é pressuposta da responsabilidade e vice-versa. Aqui se inicia o “para que” da visão teológica. A grande responsabilidade que é gerada na Teologia é sempre em relação a Deus e ao próximo, não só como fundamento e interpretação da lei, mas como ordem direta do Deus-homem, Jesus. Concorda com isto Dietrich Bonhoeffer, quando diz:

Responsabilidade e liberdade são conceitos que se correspondem. Responsabilidade pressupõe substancialmente – não cronologicamente – liberdade, e a liberdade só pode subsistir na responsabilidade. Responsabilidade é a liberdade humana dada exclusivamente no comprometimento com Deus e o próximo.³²

Em Bonhoeffer se faz uma consideração da responsabilidade como um princípio de solidariedade. Os efeitos do pecado geraram uma nova situação que só pode ser vencida mediante ao entendimento comunitário do sofrimento, isto é, dentro de uma relação pessoal, seja ela com Deus ou com o próximo. Paulo adota posição semelhante ao

³¹ NIEBUHR apud MILLER e GRENZ, 2011, p. 41

³² BONHOEFFER, D. *Ética*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009, p. 158

universalizar a questão do pecado e, portanto, torna-o um problema acima de tudo social quando diz: “Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”³³. Isto implica o caráter social do pecado, frisado pela ação de Jesus no texto de João.

E os escribas e fariseus trouxeram-lhe uma mulher apanhada em adultério; E, pondo-a no meio, disseram-lhe: Mestre, esta mulher foi apanhada, no próprio ato, adulterando. E na lei nos mandou Moisés que as tais sejam apedrejadas. Tu, pois, que dizes? Isto diziam eles, tentando-o, para que tivessem de que o acusar. Mas Jesus, inclinándose, escrevia com o dedo na terra. E, como insistissem, perguntando-lhe, endireitou-se, e disse-lhes: Aquele que de entre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela. E, tornando a inclinar-se, escrevia na terra. Quando ouviram isto, redarguidos da consciência, saíram um a um, a começar pelos mais velhos até aos últimos; ficou só Jesus e a mulher que estava no meio. E, endireitando-se Jesus, e não vendo ninguém mais do que a mulher, disse-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? E ela disse: Ninguém, Senhor. E disse-lhe Jesus: Nem eu também te condeno; vai-te, e não peques mais. Falou-lhes, pois, Jesus outra vez, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andaré em trevas, mas terá a luz da vida.³⁴

Jesus, ao afirmar “aquele que de entre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela”, aponta para o fato de o pecado ser um problema tão generalizado que não se pode falar dele apenas na sua individualidade. Pannenberg diz que “a generalidade do pecado proíbe o moralismo que retira toda solidariedade com aqueles que se tornaram instrumentos do poder destruidor do mal.”³⁵

³³ ROMANOS 3.23

³⁴ JOÃO 8.13-12.

³⁵ PANNENBERG, 2009, p. 34.

O sofrimento, portanto, é algo a ser expurgado de forma coletiva, embora o pecado tenha o caráter individual e nesse sentido a responsabilidade também é individual. Pannenberg aponta para isso ao falar do significado das palavras pecado em ambas as tradições bíblicas, tanto a linguagem hebraica como na língua grega.

A palavras hebraica que mais se aproxima do sentido literal de *harmatia* [...] é *hattat*: essa palavra significa igualmente errar um alvo, diferenciando-se de 'avon, a falta por descuido. [...] As duas palavras, porém, têm em comum o fato de se referirem a atos individuais. Com isso também está definida sua diferença. Não obstante, a ideia da culpa aponta para além do ato individual, remetendo para a sua raiz na mente do agente.³⁶

Portanto, na dimensão espiritual do homem, sua mente, é parte responsável pela transformação do destino que o pecado propõe. É a responsabilidade assumida em face de tal realidade que porá diante de Deus em desespero existencial, com afirma Kierkegaard, “pecamos quando, perante Deus ou com a ideia de Deus, desesperados, não queremos ou queremos ser nós próprios.”³⁷

Destaca-se que o pecado produz sofrimento e o mesmo deve ser enfrentado com responsabilidade diante de Deus. Assim, cada homem tem obrigação de encontrar a sua dimensão "pática".

O homem como existente vive o seu pathos e necessita encontrar o seu sentido. Há no homem uma dimensão que eu chamaria de “pática” e que, sem nenhum dolorismo (mesmo quando se trata de abordar o sofrimento e a dor), hoje volta a ser encontrada. [...] O homem não é puro pensamento, vontade ou ação. Ele é vida e, portanto, também,

³⁶ PANNENBERG, 2009, p. 345.

³⁷ KIERKEGAARD, S. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 239.

afetividade, ser que bebe em fontes vivas, de uma vida que “se sente, se experimenta [e] se realiza com um pathos”³⁸

O homem concretiza no seu viver a destinação proposta. É a promessa de salvação que dá todo o sentido ao sofrimento humano, quando Cristo assume a existência humana e faz o homem enxergar o seu verdadeiro sentido. Como afirma Adolphe Gesché:

É nesse sentido da encarnação, em que Cristo tomou a verdade de nossa realidade onde ela estava, e colocou, *a partir dela*, sem mistificação, o lugar próprio de onde a salvação era imaginável. Jesus encontrou a samaritana lá onde ela estava, e é a partir daí que lhe abriu as portas do seu destino. O evangelho não tomou o ser humano pedindo-lhe para ficar onde está, é evidente. Menos ainda, contudo, pediu-lhe para subtrair-se à sua condição. Assim é que ele pediu ao ser humano para torna-se o que *pode* tornar-se, e aí está um “humanismo” propriamente inédito. Trata-se, pois, de “trabalhar” a realidade. Com o objetivo de poder dar-se um destino acessível.³⁹

Portanto, a responsabilidade do homem é encontrar sentido em seu pathos original, em sua pecabilidade, se entregando à solidariedade ao próximo e sentido a solidariedade de Cristo, seu maior sentido. O Cristo sofredor é o cerne da teologia cristã, assunto a ser abordado em seguida.

2 Deus e o pathos

Deus não é um ser a ser provado. Antes, deve ser conhecido, investigado, inquirido, buscado. Estes verbos denotam uma instituição, o “nous”, o lugar que o homem manifesta o que a ele é em

³⁸ GESCHÉ, A. *O Cosmo*. São Paulo: Paulinas, 2004a, p. 166.

³⁹ GESCHÉ, A. *O Sentido*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 89.

essência, o “culto racional”, é neste local onde o homem realiza sua atividade "espiritual", onde age e reage de acordo com a consciência. A instância da consciência, o órgão do sentido na existência onde o sofrimento humano se torna em viés de desespero, onde a presença de Deus habita.

O desespero condensa-se à proporção da consciência do eu; mas o eu condensa-se à proporção da sua medida, e, quando esta medida é Deus, infinitamente. O eu aumenta com a ideia de Deus, e reciprocamente a ideia de Deus aumenta com o eu. Só a consciência de estar perante Deus faz do nosso eu concreto, individual, um eu infinito.⁴⁰

É por isso mesmo que a regulação da atividade humana é uma constante conversa com a consciência que torna o homem em uma unidade, dessa forma a existência humana é refletida daquilo que ela pensa.

Certo é que jamais é recomendável agir contra a própria consciência. Nisso todos os tratados de ética cristã concordam. Mas o que significa isso? A consciência é a voz que, clama pela unidade da existência humana consigo mesma. Ela aparece como acusação pela unidade perdida e como advertência contra a perda de si mesmo. Visa primordialmente não a um determinado fazer, mas a um determinando ser.⁴¹

Deus, diferente da criatura, está para além dos limites da consciência. “Poderíamos especificar essa maneira de colocar a questão de Deus do seguinte modo: ‘substancialmente’, Deus, não há dúvida, é distinto de sua criatura; e, noeticamente, deve ser afirmado

⁴⁰ KIERKEGAARD, 1979, p. 249.

⁴¹ BONHOEFFER, 2009, p. 154

como tal, em sua transcendência. ⁴² Por isto, ser criado envolve a Alteridade de Deus com a criatura.

Ser criado é ter de Deus (Alteridade constituinte) o manter-se por si mesmo (alteridade constituída). *Eu sou, portanto tu és.* Teonomia que estabelece nossa autonomia, isto é, funda-a em nossa própria criação, a de um Deus que suscita outrem, provocando (pro-vocare, criação pela palavra que chama, faz nascer por chamado, per-sonare) à existência uma pessoa, um ser para ele mesmo e com face de alteridade. É esse sentido da palavra hebraica barra, que significa fazer algo de completamente diferente e de absolutamente novo.⁴³

Nas palavras de Agostinho, percebe-se a motivação última do ser humano, o retorno ao seu criador. ‘Sois grande, Senhor, e infinitamente digno de ser louvado.’ ‘É grande o vosso poder e incomensurável a vossa sabedoria.’ O homem, fragmentozinho da criação, quer louvar-Vos; — o homem que publica a sua mortalidade, arrastando o testemunho do seu pecado e a prova de que Vós resistis aos soberbos. Todavia, esse homem, particulazinha da criação, deseja louvar-Vos. Vós o incitais a que se deleite nos vossos louvores, porque nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós.⁴⁴

A separação entre criador e criatura é evidente. Essa separação é expressa melhor na forma de uma Teonomia, lei de Deus, aquilo que determina um padrão ético de Deus que sobressai sobre todos. A lei, então, confundida com o *alter ego*⁴⁵ do homem na teoria psicanalítica, representa aqui, o lembrete inconsciente da justiça de Deus condenando o homem.

⁴² GESCHÉ, A. *Deus*. São Paulo: Paulinas, 2004b, p. 31

⁴³ GESCHÉ, 2005, p. 65

⁴⁴ AGOSTINHO, S. *As confissões*. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 33

⁴⁵ Termo Freudiano, que pode ser traduzido como o “outro eu”, ele utiliza para falar de um segundo “eu” distinto da personalidade “normal” de uma pessoa.

Pode-se entender que o *alter ego* é projeção da pessoa para o devir, o que ela deveria ser, causa evidente do sofrimento psíquico. Faz-se então necessária uma pessoa que possa efetuar de uma vez por todas o devir. Esta pessoa é o Cristo. E o nome de sua viagem para entender o sofrimento humano e se relacionar com ele dando-lhe sentido, na teologia, é chamada de Teodiceia.

O termo Teodicéia foi cunhado por Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) para denominar seu tratado "sobre a liberdade do homem e a origem do mal": a rigor, trata-se do problema da justiça ou justificação divina ante o mal no mundo. Tal consideração nasce da perplexidade daquele que se depara com a impossibilidade de pensarmos um Deus criador indiscutivelmente bom, como conciliável com uma criação na qual o mal se faz presente.⁴⁶

É necessário, portanto, uma conversa com a preocupação do Criador em direção à criatura e a doutrina da apatia de Deus, tema clássico da Teologia, defendida em inúmeros concílios, ideia que se perpetuou até à Idade Média. Essa dizia que Deus é impossível de sofrer, não pode se envolver com o sofrimento ou com as paixões. Como visto no pensamento de Santo Anselmo, quando diz que:

Mas de que modo és tu misericordioso e impassível simultaneamente? Porque se és impassível não te compadeces. Se não te compadeces, o teu coração não sofre de compaixão para com o infeliz, o que significa ser misericordioso. E se não és misericordioso, donde vem ao infeliz tal consolação. De que modo, pois, és e não és misericordioso, Senhor, senão porque és misericordioso segundo nós <*secundum nos*> e não o és segundo ti <*secundum te*>. Seguramente tu és misericordioso

⁴⁶ AQUINO, J. A. D. Leibniz e a teodicéia: o problema do mal e da liberdade humana. *Philosophica*, Lisboa, v. 28, p. 49-66, 2006, p. 49

segundo o nosso sentir, mas não o és segundo o teu. Quando olhas para nós, nós que somos infelizes, sentimos o efeito da tua misericórdia, <mas> tu não sentes afecção. És pois misericordioso porque salvas os infelizes e perdoas aos teus pecadores. Não és misericordioso porque não és afetado por nenhuma compaixão com o infeliz.⁴⁷

A questão do não sofrimento de Deus permanece como incógnita no meio teológico e filosófico, entretanto há uma área da teologia que permite a exposição da relação Deus-sofrimento sem nenhum prejuízo ao debate como o todo. A Cristologia aponta ao Cristo como o Deus que sofre. É no discipulado que o sofrimento é entendido, “no amor de Cristo, porém, o discípulo toma conhecimento de toda espécie de culpa e pecado, pois conhece o sofrimento de Jesus Cristo.”⁴⁸

Assim como para Moltmann, “as questões modernas em torno de Deus surgem diante do sofrimento do mundo. Em sua essência, a pergunta emerge da dor em face à injustiça presente no mundo e também em face do abandono na dor.”⁴⁹ Para ele também a *kenosis*⁵⁰, que aponta para o “rebaixamento” de Deus, seu sofrimento tipificado em Jesus, na sua cruz.

⁴⁷ ANSELMO, S. *Proslogion seu Alloquium de Dei existentia*. Tradução de José Rosa. Covilhã: Lusofia:press, 2008, p. 17

⁴⁸ BONHOEFFER, D. *Discipulado*. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 11

⁴⁹ LEITE, F. G. *DA APATIA À COMPAIXÃO: O sofrimento da Criação e o sofrimento de Deus em Cristo*. Porto Alegre: PUC-Rio Grande do Sul, 2008, p. 26

⁵⁰ Conceito cristão retirado mais propriamente desse texto: “Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, Mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens” Filipenses 2:6,7. Que trata do esvaziamento de Jesus.

Com vistas à criação, a cruz de Cristo significa a verdadeira sustentação do universo. Pelo fato do criador, desde o início, estar disposto a esse sofrimento em favor da sua criação, a sua criação tem sustentação em toda eternidade. A cruz é o segredo da criação e o seu futuro.⁵¹

Ele é aquele que o apóstolo Paulo admiravelmente reconheceu e anunciou como o Deus da *kénosis*, o Deus que, ao esvaziar-se tomou o sofrimento do povo de seu reino diferentemente do Cesar, imperador romano, que descontava seus próprios sofrimentos em seu povo.

Ao doar-se, o Deus-Filho liberta o homem de seu sofrimento causado por ele mesmo, e na cruz reflete tanto os pecados dos homens como o perdão de Deus, tendo como ligação o seu próprio sofrimento. O cristão, contudo, pode ser mais preciso. Só quando trazemos a dor e a perplexidade de nossa aflição a um Deus que sofre é que podemos começar a manter juntos a justiça de Deus e o problema do mal. Foi sobre o semblante do homem de dores, Deus e homem perfeito, ao ser pendurado na cruz nas horas de trevas, que tanto o juízo eficaz da rebelião humana por um Deus santo quanto o peso imensurável do pecado e do sofrimento humanos se encontram. É à medida que, em oração, consideramos ‘aquele que suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo’ (Hb 12.3), que podemos ser estimulados em nossa luta contra a adversidade.⁵²

As palavras de Paulo sintetizam o pensamento: “Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado.”⁵³ Portanto, o Deus que se envolve com o sofrimento humano é apresentado com a sua pesada cruz na revelação. O sentido da fé cristã é somente entendido com o sentido do sofrimento.

⁵¹ MOLTSMANN apud LEITE, 2008, p. 29

⁵² HURGING, R. F. *A árvore da cura*. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 158-159

⁵³ 1CORÍNTIOS 2.2

3 Pathos, finitude e resiliência

A pessimista declaração de Arthur Schopenhauer deixa um motivo para reflexão, ao afirmar que “a morte é a grande correção infligida pelo curso da natureza à vontade de vida e ao egoísmo que é um elemento essencial a ela; pode ser concebida como uma punição para a nossa existência.”⁵⁴ Há, sem dúvida, *insights* da revelação aqui, a natureza então começa a corrigir existência humana, o sinal de que ela não deveria estar ali.

Falou-se anteriormente do motivo da culpa e da dor como invasores do mundo criado e, agora, ao efeito mais devastador do “pecado original”, a morte. A morte está no polo negativo da existência, sendo que a vida se encontra no positivo, na proximidade com Deus.

A lógica interna do nexos de pecado e morte, como Paulo o afirmou, se revela desde a premissa de que toda vida procede de Deus: visto que o pecado é afastamento de Deus, o pecador não se separa apenas da vontade ordenadora de Deus, e, sim, com isso, simultaneamente, da fonte de sua própria vida. A morte, portanto, não é um castigo ditado ao pecador de fora por uma autoridade estranha. Ela reside antes na natureza do próprio pecado como consequência do seu ser.⁵⁵

⁵⁴ SCHOPENHAUER, A. Da morte. In: SCHOPENHAUER, A. *Coleção a obra-prima de cada autor*. São Paulo: Martin Claret, 2007, p. 72-73.

⁵⁵ PANNENBERG, 2009, p. 383

A morte se tornou o limite da existência como afirma Dilthey:

“A relação que caracteriza de modo mais profundo e geral o sentido de nosso ser é a relação entre a vida e a morte, porque a limitação da nossa existência pela morte é decisiva para a compreensão e avaliação da vida.”⁵⁶

A explicação da morte está além da dimensão biológica e, portanto, natural. Ela encontra sua razão de ser na dimensão religiosa como explicação para o vazio em relação ao Deus da vida e por consequência, a participação na eternidade.

Portanto, é assim que podemos entender que a fé judaico-cristã inseriu a morte numa visão religiosa. Segundo ela, a morte[...] recebeu, por causa do pecado[...] uma dimensão espiritual. Na relação entre Deus e o ser humano, a morte adquire um contorno religioso. Ela se torna (ou pode se tornar) uma morte espiritual, questionando o acesso à eternidade.⁵⁷

A morte traz em si mesma o questionamento por esta eternidade, citada por Gesché, como afirma Emmanuel Levinas:

A morte apresenta, [...] nela mesma e por ela mesma, uma suspeita que a ultrapassa. O tempo não é a limitação do ser, mas a sua relação com o infinito. A morte não é o aniquilamento, e sim a questão necessária para que essa relação com o infinito ou tempo se produza.⁵⁸

Ao se analisar a procissão do homem rumo à finitude e não à eternidade, parece não existir sentido nenhum na morte. Assim sendo,

⁵⁶ DILTHEY apud ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. 5ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 796

⁵⁷ GESCHÉ, A. *A destinação*. São Paulo: Paulinas, 2004c p. 80

⁵⁸ LEVINAS apud GESCHÉ, 2004c, p. 124

se faz necessária uma ressignificação da morte. A ressignificação da morte é encontrada em Jesus de Nazaré – anteriormente vista como inimiga intransponível – que agora dá um novo significado para a ressurreição porquanto aquela foi vencida.

O Cristo chama o homem para duas realidades. Primeiro chama-o da morte (espiritual) para a vida que implica em um religar com Deus, ao mesmo tempo que o chama da vida para a morte (física), pedindo-lhe que preencha a vida de significado.

O religamento espiritual com Deus é encarado como a vitória completa sobre a morte. Ele é o “ainda não” do momento atual, é a celebração da vida final e completa, é o grande milagre divino. A morte ganhou significado. Nas palavras do Cristo, ela é a porta de entrada para vida: “Eu asseguro: Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não será condenado, mas já passou da morte para a vida.”⁵⁹

Pelo milagre divino foi criado um novo ser humano, uma nova vida, uma nova criação. “A vida saiu vitoriosa, ela engoliu a morte.” O amor de Deus tornou-se o fim da morte e a vida do ser humano. A humanidade fez-se nova em Jesus Cristo, o encarnado, crucificado e ressurreto. O que aconteceu com Jesus aconteceu com todos, porque ele foi o ser humano. O novo ser humano criado.⁶⁰

⁵⁹ JOÃO 5.24

⁶⁰ BONHOEFFER, 2009, p. 53-54

A existência humana deixa de ser encarada como um espaço entre os dois vazios do “não ser”, o não saber de onde veio e o para onde se vai. Estes são preenchidos pela esperança da eternidade que preenche as duas lacunas e livra o homem do desespero. O túmulo vazio do Cristo deve ser encarado como a parábola do sentido da morte.

A ressurreição para o cristianismo é uma *conditio sine qua non*⁶¹. Paulo alerta para isso quando diz, no clássico texto sobre a vitória da vida sobre a morte, em 1 Coríntios 15.14, “E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé.”

Portanto, o sentido da morte no cristianismo se funda na esperança do além. Como afirma Moltmann: “a ressurreição de Cristo não é meramente consolo para ele em uma vida cheia de aflições, e destinada a perecer, mas também é a contradição de Deus contra o sofrimento e a morte, a humilhação e a ofensa, e a perversidade da maldade.”⁶²

Do outro lado da questão ainda resta um morrer. Se a morte eterna foi destruída, enfim, pela vida de Deus, o homem ainda encara a mesma finitude que o Deus-homem encarou. É, então, na existência que o homem realiza a vocação divina de ser.

⁶¹ sem a qual não pode ser

⁶² MOLTSMANN apud COENEM e BROWN, 2000, p. 2419

Assim como “Jesus de Nazaré atuou sob condições humanas como o prometido e eleito de Deus, sobre o qual descansa o Espírito”⁶³, o cristão é desafiado a atuar em sua humanidade cumprindo a sua vocação que é realizada na terra.

Lutero utilizou a palavra alemã ‘Beruf’ para designar ‘vocação’. “O termo utilizado é semelhante ao termo inglês ‘*calling*’. Segundo Max Weber, os dois termos ressoam uma “conotação religiosa – a de uma missão dada por Deus.”⁶⁴ Dessa forma, até a morte física se constitui em um trabalho dado ao ser humano.

Cabe ao homem, portanto, encher a vida de sentido. E ele só o pode à medida que participa dos sofrimentos de Cristo, isto é, na existência humana viver plenamente o que Jesus viveu em comunhão (*koinonia*) até as últimas consequências, até a morte. Dessa forma, “a ideia de sofrimento é inseparável do conceito neo-testamentário da *koinonia*. [...] Na verdade, tal é a união mística existente entre Cristo e Seu Corpo, a igreja, que seus sofrimentos podem ser identificados como sendo um e o mesmo (2 Co 1.5).”⁶⁵

O sofrimento como parte de toda existência humana exige uma relação de comunhão com Cristo, é certo que se a morte de Cristo

⁶³ MICHAEL, W. *O Espírito de Deus: teologia do Espírito Santo*. São Leopoldo: Sinodal, 2010, p. 166.

⁶⁴ WEBER, M. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 71

⁶⁵ COENEN e BROWN, 2000, p. 2418

significou alguma coisa, então a dos cristãos também. Nesse sentido, é a vida do homem que manifesta a importância da sua morte e são as suas atitudes tomadas em relação ao sofrimento e imitação de Jesus que afirmam a Paulo:

Insensato! o que tu semeias não é vivificado, se primeiro não morrer. E, quando semeias, não semeias o corpo que há de nascer, mas o simples grão, como de trigo, ou de outra qualquer semente. Mas Deus dá-lhe o corpo como quer, e a cada semente o seu próprio corpo. Nem toda a carne é uma mesma carne, mas uma é a carne dos homens, e outra a carne dos animais, e outra a dos peixes e outra a das aves. E há corpos celestes e corpos terrestres, mas uma é a glória dos celestes e outra a dos terrestres. Uma é a glória do sol, e outra a glória da lua, e outra a glória das estrelas; porque uma estrela difere em glória de outra estrela. Assim também a ressurreição dentre os mortos. Semeia-se o corpo em corrupção; ressuscitará em incorrupção. Semeia-se em ignomínia, ressuscitará em glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscitará com vigor. Semeia-se corpo natural, ressuscitará corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual. Assim está também escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente; o último Adão em espírito vivificante. Mas não é primeiro o espiritual, senão o natural; depois o espiritual.⁶⁶

A finitude torna-se o grande significado da existência, o lugar do plantio. O homem tem de encontrar a resiliência ⁶⁷frente a uma situação que não pode ser mudada, como a morte. Aos cristãos não lhes é permitido sofrer por masoquismo, não é o sofrer pelo sofrer. “Nem todo sofrimento é comunhão com os sofrimentos de Cristo. Para o sofrimento estar nesta categoria, os apóstolos e a igreja devem sofrer

⁶⁶ 1 CORÍNTIOS 15.36-46

⁶⁷ É um conceito psicológico emprestado da física, definido como a capacidade de o indivíduo lidar com a superação de problemas de alto impacto, sem cair em um vazio existencial, e sobreviver.

por amor ao cargo à sua vocação cristã [...]; devem sofrer como cristãos [...], injustamente.”⁶⁸

É Pedro que sinaliza essa conduta quando diz:

“Porque é coisa agradável, que alguém, por causa da consciência para com Deus, sofra agravos, padecendo injustamente. Porque, que glória será essa, se, pecando, sois esbofeteados e sofreis? Mas se, fazendo o bem, sois afligidos e o sofreis, isso é agradável a Deus. Porque para isto sois chamados; pois também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as suas pisadas.”⁶⁹

CONCLUSÃO

A finitude do cristão deve então ser encarada como vencida. E esta é a vitória de Cristo sobre a mesma, assinalando a esperança escatológicas da igreja e lhe enviando para sofrer e completar os sofrimentos de Cristo. Como diz Paulo: “regozijo-me agora no que padeço por vós, e na minha carne cumpro o resto das aflições de Cristo, pelo seu corpo, que é a igreja.”⁷⁰

Em resumo, podemos dizer que o alvo do sofrimento cristão, bem como a sua morte, é a concretização do Reino de Deus. “Porque a última razão pela qual nós vivemos na terra é exatamente esta: somos

⁶⁸ COENEM e BROWN, 2000, p. 2418

⁶⁹ 1 PEDRO 2.19-21

⁷⁰ COLOSSENSES 1.24

convidados a colaborar com a realização do projeto histórico de Deus, que é o Reino de Deus”.⁷¹

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO, S. *As confissões*. São Paulo: Abril Cultural. 1980.
- AQUINO, J. A. D. *Leibniz e a teodicéia: o problema do mal e da liberdade humana*. *Philosophica*, Lisboa, v. 28, p. 49-66. 2006.
- BÍBLIA, Português. *A Bíblia Sagrada*. Almeida Corrigida Fiel. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil. 1995
- BONHOEFFER, D. *Discipulado*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- BONHOEFFER, D. *Ética*. São Leopoldo: Sinodal/EST. 2009.
- COENEM, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2ª. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- EPICURO. *Antologia de textos*. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- GESCHÉ, A. *O Cosmo*. São Paulo: Paulinas, 2004a.
- GESCHÉ, A. *Deus*. São Paulo: Paulinas, 2004b
- GESCHÉ, A. *A destinação*. São Paulo: Paulinas, 2004c
- GESCHÉ, A. *O Sentido*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- HURGING, R. F. *A árvore da cura*. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- KIERKEGAARD, S. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 187-279.
- LEITE, F. G. *da apatia à paixão: O sofrimento da Criação e o sofrimento de Deus em Cristo*. Porto Alegre: PUC-Rio Grande do Sul. 2008.
- MICHAEL, W. *O Espírito de Deus: teologia do Espírito Santo*. São Leopoldo: Sinodal, 2010.
- MILLER, E. L.; GRENZ, S. J. *Teologias Contemporâneas*. Tradução de Antivan G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- PANNENBERG, W. *Teologia Sistemática*. Tradução de Ilson Kayser. São Paulo: Academia Cristã, Paulus, v. II, 2009.
- SCHOPENHAUER, A. Da morte. In: SCHOPENHAUER, A. *Coleção a obra-prima de cada autor*. São Paulo: Martin Claret, 2007. p. 21-75.
- WEBER, M. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

⁷¹ BLANK, 2008, p. 91